



Melissa Salinas Ruiz (2021). Aspectos multidisciplinares sobre o envelhecimento de pessoas transfemininas. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. I, pp. 229-237.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021ruiz

ISBN: 978-989-8805-63-8

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Aspectos multidisciplinares sobre o envelhecimento de pessoas transfemininas

MELISSA SALINAS RUIZ

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

m__salinas@hotmail.com

enviado a 25/01/2021 e aceite a 22/03/2021

Resumo

Nos estudos sobre velhice, durante um longo período não se levaram em consideração os marcadores sociais, acreditando-se ser o envelhecimento um processo unívoco. Atualmente, essa perspectiva não se justifica, sabendo-se da importância de ter em vista os marcadores sociais na sociologia da velhice (Debert, 1997). Em razão do exposto, o presente trabalho discute aspectos referentes ao envelhecimento de pessoas transfemininas. Utiliza esse termo para abarcar travestis, mulheres transexuais e demais identidades transgêneras femininas. A proposta se justifica no parco debate acerca de transgeneridade nas análises de gênero da gerontologia e se estrutura em três tópicos. No primeiro, discute gênero, cisnorma e transgressão com base em Bento (2006, 2017), Bonassi (2017), Butler (2004). A seguir, comenta acerca do recorte de gênero na sociologia da velhice a partir de Alves (2016), Barros (2006) e Debert (1997). Por fim, fala especificamente da velhice transfeminina, recorrendo a Siqueira (2004), Amaral (2007) e Almeida (2018). Conclui que é necessário expandir o recorte de estudo da transgeneridade na sociologia da velhice, dadas as especificidades dessa população e a vulnerabilidade em que se encontra no Brasil.

Palavras-chave: Transgeneridade; Gênero; Envelhecimento.

Abstract

For a long time, studies on old age have not considered social markers, believing ageing to be a univocal process. Currently, this perspective is not justified, knowing the importance of taking into account the social markers in the sociology of old age (Debert, 1997). In view of the above, this paper discusses aspects related to the ageing of transfemale people. It uses this term to encompass transvestites, transsexual women and other female transgender identities. This proposal is justified by the scarce debate about transgeneriness in the gender analyses of gerontology and is structured in three topics. In the first, it discusses gender, cisnorm and transgression based on Bento (2006, 2017), Bonassi (2017), Butler (2004). Next, it comments on the gender cut in the sociology of old age on Alves (2016), Barros (2006) and Debert (1997). Finally, it talks specifically of transfemale old age, in which Siqueira (2004), Amaral (2007) and Antunes (2010) resort. It concludes that it is necessary to expand the study of transgeneriness in the sociology of old age, given the specificities of this population and the vulnerability in which they find themselves in Brazil.

Keywords: Transgenerity; Gender; Ageing.

Introdução

A princípio, a gerontologia acreditava não ser importante levar em consideração marcadores sociais ao estudar a velhice, uma vez que esta seria uma experiência similar a todos os grupos sociais, independentemente de suas especificidades.

Contudo, teóricos como Debert (1997) e Motta (1997) ressaltam a necessidade de abarcar características como raça, classe social e gênero nas análises, pois a experiência da velhice em muito diverge para cada grupo social. As cargas múltiplas mencionadas por Creenshaw (2002) influem na maneira em que se vivencia o envelhecer, perspectiva que se relaciona à de Debert

(1997) quando afirma que a mulher idosa experimenta dupla vulnerabilidade devido a sua idade e gênero.

Essas pesquisas, entretanto, tendem a pensar o gênero sem ter em conta as identidades transgêneras, assim denominadas pois contrariam o gênero que lhes foi socialmente imposto. Compreendendo o gênero e a sexualidade como performativos, isto é, moldados e direcionados pelas expectativas sociais de gênero (Butler, 2004) constata-se que aqueles que performam seu gênero contrariando as normas vigentes na sociedade ocidental contemporânea sofrem segregação. Desse modo, investigar o envelhecimento de mulheres torna necessário enfatizar se o objeto da análise são mulheres cisgêneras ou transgêneras, uma vez que estas sofrem opressões específicas e que influenciam seu envelhecer.

Em razão do exposto, neste trabalho problematizamos a velhice dos corpos transfemininos, termo que abrange travestis, mulheres trans, assim como demais manifestações femininas cis divergentes. Para tanto, recorreremos a Bento (2006; 2017), Bonassi (2017) e Butler (2004) a fim de discutir sobre gênero, normatividade e transfeminilidade. Logo, amparamo-nos em Alves (2016), Barros (2006) e Debert (1997) para refletir sobre gerontologia e as transformações sofridas pelos estudos da velhice. Finalmente, comentamos as peculiaridades da velhice transfeminina no Brasil tomando por base os dados da Associação Nacional de Transexuais e Travestis (ANTRA, 2019), bem como os trabalhos de Antunes (2010) e Siqueira (2004).

Corpos Transfemininos: gênero, transgressão e cisnormatividade

O prefixo “trans” é utilizado para indicar aquilo que atravessa, que transpõe barreiras e limites. Na contemporaneidade, o gênero e sexualidade podem ser problematizados como fronteiras, posto que há rígidas expectativas sociais que direcionam os corpos a performances de gênero e sexuais específicas. O indivíduo deve ser heterossexual e se enquadrar no gênero feminino ou masculino, mutuamente excludentes. Ainda, quem atribui gênero ao sujeito é a sociedade, antes mesmo de seu nascimento, quando o denomina “homem” ou “mulher” adotando parâmetros exclusivamente genitais (Butler, 2004). Nesse sentido, as performances que subvertem esses padrões de gênero são compreendidas como “trans” (Stryker, 2017).

O termo “transexualpsíquico” foi cunhado pelo sexólogo alemão Magnus Hirschfeld em 1910, do qual parte o uso desse prefixo. Porém, os estudos de gênero, *queer* e a atuação política de pessoas trans, passam a questionar o discurso médico que surge com Hirschfeld, produzindo seus próprios saberes a respeito de corporalidade, gênero e sexualidade. Nesse âmbito, estudiosos como Butler (2004), Preciado (2018) e, no Brasil, Bento (2006) teorizam acerca da naturalização das experiências trans e de sua pluralidade, ressaltando a rígida normatividade de gênero da sociedade. O prefixo “trans” é ressignificado, o que se observa na crescente importância de identidades como a travesti e na criação de terminologias mais inclusivas, como o termo transvestigênera, cunhado por Indianare Siqueira (2016).

Complementarmente, o crescente uso da expressão “cisgênero”, utilizado para designar os corpos que se conformam com seu gênero socialmente imposto, deve-se à atuação da comunidade trans, quem pretende denaturalizar o corpo cis, usualmente percebido como “padrão”. Portanto, “ao substituir as palavras mulher biológica por mulher cisgênera se opera um deslizamento do discurso na medida em que não mais se evoca a naturalidade, mas sim se faz uso de um conceito próprio do transfeminismo” (Bonassi, 2017, p. 27).

O recorte de gênero com ênfase nas distintas experiências de pessoas cis e trans é fundamental nas análises de cunho antropológico e sociológico, dada a divergência com que são tratadas em sociedades como a brasileira. Considerado o país que mais mata pessoas trans, a transfobia que impera no Brasil vulnerabiliza essa população, impactando diretamente em seu acesso a direitos fundamentais e fazendo com que sua expectativa de vida seja de apenas 35 anos (ANTRA, 2019).

Entendida como a violência – física, institucional ou simbólica – direcionada a transgêneros (Lanz, 2014) a transfobia atinge principalmente pessoas transfemininas. Embora caiba ressaltar a dificuldade em obter dados precisos acerca de transfobia devido à ausência de fontes oficiais, os dados produzidos pela ANTRA (2019) indicam que a maior parte das vítimas são travestis e transmulheres. Bento (2017) atribui esse fenômeno ao machismo, responsável pelo desprezo a tudo que é feminino, o qual vitimiza mulheres cis e trans.

Nesse paradigma, ponderamos que os estudos sobre a velhice devem incluir o recorte da transgeneridade em suas abordagens, sobretudo em razão da reduzida expectativa de vida dessa população, o que denota uma temporalidade particular, na qual o envelhecimento não é percebido como etapa inerente à vida (Almeida, 2018). Desse modo, a fim de adentrar as peculiaridades da velhice transfeminina, apresentaremos no seguinte tópico um breve panorama sobre as discussões de gênero na gerontologia, expondo algumas de suas problemáticas contemporâneas para, no terceiro tópico, situá-las frente ao marcador social da transgeneridade.

Envelhecimento e Gênero

Sobre o vínculo entre as pesquisas gerontológicas brasileiras e o recorte de gênero, Alves pontua que:

A tradição de estudos sobre velhice nas ciências sociais brasileiras, especialmente a tradição antropológica, incorporou desde sua emergência como área de conhecimento a perspectiva de gênero e de classe social. As principais investigações produzidas nesse campo evidenciaram a importância de pensar essas dimensões de forma articulada (2016, p. 48, tradução nossa).³

Acerca do envelhecimento feminino, Barros (2006, p. 127) aponta que a primeira metade do século XX foi responsável pela disseminação de um modelo de envelhecer que valorizava a submissão da mulher às figuras masculinas, bem como a exaltação do serviço doméstico. As décadas seguintes, no entanto, trouxeram a problematização desse modelo, questionamento influenciado pelo crescimento do feminismo, o qual repercutiu na transformação da mentalidade de mulheres velhas. Consequentemente, o discurso da terceira idade impregna as narrativas dessas mulheres, em que expressam criticidade quando confrontadas com seu passado e realidade. Passam a ser cada vez mais estimados valores como autonomia, independência, etc, construindo-se categorias que abarquem aqueles que desejem escapar às concepções tradicionais de velhice (Antunes, 2010).

³La tradición de estudios sobre vejez en las ciencias sociales brasileñas, sobre todo la tradición antropológica, incorporó desde su emergencia como área de conocimiento las perspectivas de género y de clase social. Las principales investigaciones producidas en ese campo evidenciaron la importancia de pensar esas dimensiones en forma articulada.

Para Siqueira (2004, p. 91), “refletir sobre a relação entre gênero e envelhecimento é considerar, sobretudo, formas distintas de se pensar e viver a velhice, discutindo a ideia de homogeneidade em relação ao processo de envelhecimento”. Partindo disso, evidencia-se “a heterogeneidade de experiências de envelhecimento, apontando a coexistência de diferentes padrões de periodização das fases da vida” (Barros, 2006, pp. 118-119).

No mesmo sentido, Debert (1997, p.7) comenta que o momento pós-moderno “operaria uma desconstrução do curso da vida”. Contudo, essas novas concepções sobre a vida e sua cronologia não significam que tenha deixado de se pensar e estruturar a sociedade adotando parâmetros etários. O que ocorre é a ressignificação do que se entende por “juventude”, a qual passa a expressar não somente uma etapa de vida. Torna-se um valor, algo a ser perseguido e almejado, independentemente da idade. Na explicação de Vera:

[...] a velhice e a morte são percebidas não apenas como uma adversidade pessoal, mas também como uma forma de fracasso moral, pelo qual se espera que toda pessoa responsável que não se abandone à usura do tempo e que lute para continuar jovem e sã (2016, p.3, tradução nossa).⁴

A discussão a respeito da valorização da juventude e do conseqüente estigma decorrente do corpo velho é especialmente relevante para analisar a relação da mulher com o envelhecimento. Quanto a isso, Hakim (2012) e Goldenberg (2008) propõem os conceitos de capital erótico e capital corporal, respectivamente, a fim de explicar a importância social do “corpo belo” para as mulheres. Optamos por relacioná-los pois ambos tratam de corpo, sexualidade, conjugalidade e status social, repercutindo, principalmente, na velhice feminina. Segundo as autoras, a capacidade de atrair o sexo oposto é um relevante mecanismo de obtenção de status social e que diminui na idade avançada. Falando especificamente do Brasil, Goldenberg (2008, p. 57) afirma que o envelhecimento do corpo é particularmente estigmatizante para a mulher brasileira, posto que a sociedade brasileira percebe no “corpo jovem, magro, sexy e em boa forma” um importante capital.

Esses trabalhos se aliam ao viés analítico que relaciona gênero, velhice e sexualidade, perspectiva que vem ganhando importância e adeptos. Nos dizeres de Vera (2016, p. 13, tradução nossa) “também a sociologia do gênero, unida a crescente sexualização e sensualização da vida social [...] são âmbitos nos quais se enquadram os novos olhares sobre a velhice⁵.” Similarmente, Alves exprime que

[...] é possível considerar que se trata de um campo de estudos dinâmico e consistente. As investigações, embora com enfoques diferentes, estão interconectadas, de forma que os estudos sobre família e trabalho se articulam com o tema da sociabilidade e do corpo. Estes, por sua vez, remetem aos estudos sobre sexualidade (2016, p. 63, tradução nossa).⁶

⁴[...] la vejez y la muerte que son percibidas no sólo como una adversidad personal sino también como un cierto fracaso moral, por lo que se espera de toda persona responsable que no se abandone a la usura del tiempo y que luche denodadamente por conservarse joven y sana.

⁵También la sociología del género, unida a la creciente sexualización y sensualización de la vida social [...] son ámbitos en los que enmarcar esa ‘nueva’ mirada sobre la vejez.

⁶Es posible considerar que se trata de un campo de estudios dinámico y consistente. Las investigaciones, si bien con enfoques diferentes, están interconectadas, de forma que estudios sobre familia y trabajo se articulan con el tema de la sociabilidad y del cuerpo. Esos, a su vez, remiten a estudios sobre sexualidad.

Embora a autora frise que “gênero” e “velhice” são conceitos que possuam uma rica história recente, sendo tratados no Brasil desde as primeiras abordagens teóricas sobre a velhice, as análises que articulam ambos marcadores tendem a negligenciar a questão trans. Portanto, no seguinte tópico discutiremos a respeito de questões referentes ao envelhecimento transfeminino, salientando suas especificidades.

Velhice Transfeminina

As problemáticas que perpassam a velhice trans divergem daquelas vivenciadas pelas pessoas cisgêneras – em que a temporalidade é marcada por uma cronologia linear, fortemente generificada – pois, “o percurso biográfico de pessoas que vivem a transexualidade não necessariamente segue essa lógica” (Almeida, 2018, p. 92). Em consequência, discutir a o envelhecimento trans implica abarcar temporalidades outras, menos marcadas pela “temporalidade reprodutiva”(ibid., p.69).

Para fins analíticos, selecionamos quatro eixos em torno dos quais centrar nossa análise, sendo eles: a) trabalho e estabilidade financeira; b) corpo e saúde; c) corpo, relações afetivas e sexuais; d) transfobia. Enfatizamos que essa classificação cumpre apenas fins didáticos, não devendo ser ignorado o modo em que os temas se entremeiam na vivência dos indivíduos.

Segundo a ANTRA (2019), mais de 90 % da população transfeminina se prostitui. Dessa maneira, pensar seu envelhecimento deve levar em consideração que a maioria delas não possui plano de aposentadoria – dado o caráter não regulamentado da prostituição – recaindo exclusivamente sobre elas a responsabilidade pelas finanças destinadas a seu sustento na velhice.

Debert (1997) menciona a reprivatização da velhice como uma tendência contemporânea pela qual se individualiza o cuidado na terceira idade, perspectiva influenciada pela valorização dos ideais de terceira idade e que gera um modelo de idoso que aproveita a vida (Locatelli & Cavedon, 2011). Observamos que a velhice transfeminina potencializa essa individualização, uma vez que a trajetória de vida de mulheres trans, usualmente, ocorre às margens do cuidado estatal, sendo negligenciadas por este. O difícil acesso à educação faz com que sejam pouco qualificadas, implicando em pouca empregabilidade e levando-as ao trabalho informal ou à prostituição (ANTRA, 2019).

No Brasil, o sistema abolicionista permite, em tese, a prostituição (Alves, 2014). Entretanto, a não regulamentação faz com que haja uma perseguição velada às trabalhadoras sexuais, as quais sofrem agressões por parte da polícia, clientes e, inclusive, de outras prostitutas (Pelúcio, 2007). As precárias condições de trabalho fazem com que os rendimentos sejam baixos, dificultando um planejamento futuro para a velhice. Ainda, dada a importância da beleza “na construção do corpo da prostituta no exercício de sua profissão” (Aranha, 2018, p. 43), envelhecer se faz problemático devido às mudanças corporais que acarreta. Nas palavras de Motta:

O natural processo de envelhecimento e fragilização do corpo – fragilização que não é só para o trabalho – a que se contrapõe um modelo social desenvolvido de beleza jovem, propiciou uma construção cultural que resultou numa estética da recusa e do medo (1997, p. 5)

Falamos sobre “corpo e saúde” na velhice transfeminina pois há peculiaridades que não perpassam as experiências de mulheres cisgêneras. Além do forte vínculo entre trabalho sexual, transfeminilidade e aparência – gerando perdas relevantes para aquelas que não conseguem envelhecer preservando um padrão estético tido como atraente – somam-se questões referentes às intervenções corporais, muitas vezes realizadas com o auxílio de “bombadeiras”.

Cabral (2012) explica que são chamadas de bombadeiras as mulheres – cis ou trans – que aplicam silicone industrial nos corpos de transmulheres e travestis para deixá-los mais voluptuosos e femininos. Esse composto, entretanto, é tóxico e prejudicial à saúde, podendo causar graves complicações e, inclusive, levar à morte. Apesar dos perigos, seu uso é frequente dentro da comunidade, motivado pelo pouco acesso ao sistema de saúde. Similarmente, a dificuldade em obter serviços de saúde leva essa população a se hormonizar por conta própria, o que também acarreta riscos.

Desse modo, pensar a velhice da população transfeminina implica ter em conta esses aspectos específicos. Sobretudo, pois, de acordo a Siqueira (2004, p. 110), “a aplicação de hormônios é contínua até o momento de se atingir os objetivos com relação à fabricação de um corpo feminino” e “se elas sentem a necessidade de retoques, esses são rapidamente providenciados” (ibid.).

Dando continuidade, consideramos que pensar as relações afetivas e sexuais de transmulheres e travestis implica a maximização de uma solidão exposta por autoras como Moira (2018) e Amaral (2017). Esta recorre a bell hooks (2000) para pensar a afetividade dessa população, partindo da premissa da autora acerca da solidão da mulher negra. Consequentemente, faz paralelo entre ambas vivências, uma vez que corpos transfemininos “mesmo que construam idealizações, não costumam construir expectativas no que se refere ao amor, e menos ainda, às chances de serem amadas” (Amaral, 2017, p. 146). Nessa perspectiva, Kulick (2008) comenta o caráter fugaz das relações afetivas das travestis às quais entrevista. Segundo o autor, o elemento financeiro acaba desempenhando um relevante papel nessas relações, fazendo com que as travestis se façam responsáveis pelo sustento de seus companheiros e que estejam constantemente sujeitas a perde-los para alguém que dê a eles mais presentes.

Embora não desejemos generalizar, negando a possibilidade de afeto na vida de transmulheres e travestis, a frequência com que se menciona a solidão transfeminina em estudos da área nos leva a refletir acerca de como ela repercute em seu envelhecimento. Partindo de investigações como as de Salgado (2002) e Lopes et al. (2010) – teóricos que relacionam o sentimento de solidão em mulheres idosas ao fato de grande parte delas se encontrarem viúvas – acreditamos que é alta a probabilidade de mulheres trans e travestis manifestarem sensações similares dada a ausência de vínculo amoroso.

A respeito da velhice transfeminina, Siqueira (2004) comenta que suas entrevistadas, mesmo as que ainda mantêm relacionamentos amorosos e sexuais, sofrem influência das representações que possuem acerca do que é ser uma mulher idosa. Relatos sobre a diminuição da frequência sexual, associados à crença em uma moralidade típica de uma mulher mais velha, influem no modo como experienciam suas sexualidades.

Adicionalmente, as marcas que o envelhecimento imprime em seus corpos faz com que acionem recursos como maquiagem, roupas e perucas na busca de conservar a beleza e aquilo

que julgam ser uma boa aparência. Se Locatelli (2011, p. 53) constata que “a velhice corresponde a um julgamento social”, Siqueira (2004, p. 111) expõe que na população transfeminina esse julgamento “é mais realçado entre as mais velhas, existindo uma cobrança acentuada quanto a isso, com relação às mais jovens.”

O último tópico sob o qual nos debruçamos, denominado “transfobia”, diz respeito a violências às quais pessoas transfemininas se encontram extremamente sujeitas no Brasil. Perpassando todos os momentos de sua vida, a transfobia reduz drasticamente a expectativa de vida dessa população. Nesse seguimento, Nogueira (2013, p. 86) relata que “segundo as próprias travestis, um dos maiores desafios para suas vidas é a violência. Muitas travestis são mortas ainda jovens, o que faz com que as mais velhas pouco transitem, principalmente pelos espaços prostitutivos onde a violência é mais presente”.

Compreendendo a importância dos espaços de prostituição nas cartografias transfemininas (Kulick, 2008; Pelúcio, 2007; Siqueira, 2004), privar-se desses locais ocasiona a perda de relevantes ambientes de sociabilidade, posto que as redes formadas durante o exercício da prostituição incluem amigas, mães e madrinhas (Cabral, 2012), assim como clientes e namorados.

Durante sua vida, travestis e mulheres trans são forçadas a realizar uma gestão da violência. Por essa razão, muitas vezes andam armadas com facas ou canivetes, motivo pelo qual, afirmam, foi se difundindo a crença de que são violentas (Antunes, 2010). Complementam que a violência social que sofrem é muito mais grave e constante do que qualquer agressão realizada por elas. “Alegam que muitas vezes são violentas para se defender da violência que sofrem por serem invisíveis” (ibid., p.262)

A prova dessa invisibilidade se dá na ausência de dados oficiais acerca dessa população (ANTRA, 2019). Atualmente, é pelo trabalho de coletivos trans – como a ANTRA – que se tem conhecimento da gravidade da transfobia. No mesmo sentido, uma das entrevistadas de Antunes (2010, p. 158) expõe que “o que não é comum de ser visto, as pessoas estranham! Quando começarmos a ver mais as travestis nas ruas de bengala, com seus namorados passeando e sentados na praça será natural!”.

A ciência da baixa expectativa de vida transfeminina gera um certo status para aquelas que chegam à velhice. Status, contudo, que está condicionado a possuírem uma vida dentro dos moldes “socialmente aceitáveis”, sem doenças decorrentes dos anos da prostituição, hormonização e intervenções corporais, tampouco vícios em álcool ou drogas. Em suma, as representações positivas da velhice tendem a se vincular às expectativas sociais em relação ao que é próprio de uma “senhora de respeito” (ibid.), com a ressalva de que apontar tendências não implica que travestis e transmulheres idosas sempre compartilhem das mesmas crenças.

Em razão disso, Siqueira (2004) conclui que é cabível falar em uma dupla marginalização da população trans idosa pois, mesmo quando possuem representações positivas acerca do envelhecimento, ainda enfrentam inúmeras adversidades. Torna-se necessário “criar a política, por que isso faz com que as pessoas se afirmem enquanto travestis, assumam a sua travestilidade durante toda a sua existência, e não precisem em certo período parar de assumir aquela travestilidade” (Antunes, 2010, p. 158). Essa fala, ouvida por Antunes no decorrer de sua pesquisa, denota a centralidade do combate à transfobia para um envelhecimento digno.

A influência da violência nas trajetórias de vida transfemininas também é frisada por Nogueira:

Embora as travestis reivindiquem uma linearidade acerca dos processos de envelhecimento e da velhice, as realidades de muitas fogem à regra, pois todos estes elementos são agenciados cotidianamente pela violência, pela exposição, pelo modo como as relações são instituídas e rompidas no circuito familiar e, principalmente, como elas reelaboram seus itinerários sociais e corporais (Nogueira, 2013, p. 86)

As questões apresentadas neste trabalho são apenas algumas das problemáticas que surgem ao refletir sobre a velhice transfeminina. Pelo exposto, constatamos que, embora existam pontos de aproximação, o envelhecimento cisfeminino difere do transfeminino, pelo qual enfatizamos a relevância de abarcar a transgeneridade nos estudos gerontológicos, sobretudo os que focam nas discussões de gênero. Adicionalmente, compreendemos que a proliferação de debates acerca de identidades trans contribui para subverter o quadro de opressões vivenciada por esses indivíduos no Brasil, motivo pelo qual defendemos o interesse social na expansão desse viés de pesquisa.

Considerações finais

Enfatizando a importância de levar em consideração o marcador social da transgeneridade nas pesquisas gerontológicas, este trabalho apresentou alguns pontos de destaque pelos quais começamos a discutir a velhice transfeminina. Para tanto, discorreu acerca do surgimento dos termos “transexual” e “trans” e de suas ressignificações, frisando a influência dos estudos de gênero, *queer* e do ativismo para poder compreender a sociedade como cisnormativa.

Logo, foi apresentado um breve panorama dos estudos gerontológicos que trabalham as questões de gênero, pelo qual demonstramos no terceiro tópico que os aspectos da velhice transfeminina são significativamente diferentes aos da velhice cisgênera feminina. Apresentamos e analisamos quatro itens concernentes à velhice transfeminina, pelos quais pretendemos fornecer um panorama geral, do qual se pode partir a fim de realizar investigações mais aprofundadas.

A peculiar situação de vulnerabilidade a qual a população transgênera brasileira é submetida reveste de importância estudos que tratem de questões pertinentes à realidade trans. Constatamos que gerontofobia, machismo e transfobia são elementos que se articulam na velhice transfeminina, levando-nos a crer que há a maximização da reprivatização da velhice mencionada por Debert (1997), uma vez que carecem de qualquer proteção estatal. Ainda, tratar do envelhecimento de mulheres trans e travestis nos apresenta temporalidades outras, não marcadas pelo reprodutivismo, conforme enfatiza Almeida (2018). Compreendemos que essas temporalidades *queer* vão ao encontro de uma sociedade pós-moderna, onde cada vez mais há ciência da peculiaridade com que os indivíduos experienciam o envelhecer.

Bibliografia

Almeida, A. S. (2018). Vidas em espera: uma etnografia sobre a experiência do tempo no processo *transexualizador* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8505/5/Disserta%20a7%20c3%a3o%20-%20Anderson%20Santos%20Almeida%20-%20202018.pdf>

- Alves, F. L. (2014). Pós-mulher: corpo, gênero e sedução. Curitiba: Champagnant.
- Alves, A. M. (2016). Vejez y Género en la Antropología Brasileña. *RASP – Research on Ageing and Social Policy*, 4(1), 46-68. <http://doi.org/10.17583/rasp.2016.1722>
- Amaral, M. S. (2017). Te desafio a me amar: desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180425>
- Antunes, P. P. S. (2010). *Travestis envelhecem?* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações da PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12364>
- Aranha, F. K. B. (2018). *Cultura da beleza: prostituição, corpo e práticas educativas* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39419/1/2018_tese_fkbaranha.pdf
- Associação Nacional de Transexuais e Travestis. (2019). Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018.
- Barros, M. M. L. (2006). Trajetória de estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (52), 109-132.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo*. Garamond.
- Bonassi, B. (2017) *Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182706/349130.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Routledge.
- Cabral, J. V. (2012). *Geografia travesti: cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro-Barcelona)* [Tese de Doutorado, Universidad de Barcelona]. Centro de Documentación y Recursos Pedagógicos. <http://salutsexual.sidastudi.org/resources/inmagic-img/DD26834.pdf>
- Creenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- Goldenberg, M. (2008). Corpo e envelhecimento na sociedade brasileira. *Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, 2(2), 56-61. <https://doi.org/10.26563/dobras.v2i2.379>
- Hakim, C. (2012). *El capital erótico: El poder de fascinar a los demás*. Madrid: Debate.
- Hooks, B. (2000). Vivendo de amor. In White, E. (Org.), *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas/Criola.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Lanz, L. (2014). *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca Digital: Teses e Dissertações. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36800>
- Locatelli, P. A. P. C. & Cavedon, N. R. (2011). As gurias: exercício etnográfico realizado com mulheres idosas praticantes de hidroginástica. *Ciências sociais em perspectiva*, 10(18), 45-61. <https://doi.org/10.5935/rcsp.v10i18.5098>
- Lopes, R., Lopes, M. T., e Câmara, V. (2010). Entendendo a solidão do idoso. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(3), 373-381. <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.362>
- Moira, A. (2018). *E se eu fosse pura*. São Paulo: Hoo Editora.
- Motta, A. B. da. (1997). Palavras e convivência – idosos hoje. *Revista Estudos Feministas*, 5(1). <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Nogueira, F. J. de S. (2013). *“Mariconas”: itinerários da velhice travesti, (des)montagens e (in)visibilidades* [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7314/1/arquivototal.pdf>
- Pelúcio, L. (2007). *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti o modelo preventivo da aids* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1399/TeseLP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Preciado, P.B. (2018). *Testojunkie: sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. n-1 edições.
- Salgado, S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 4, 7-19. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4716>
- Siqueira, M. S. (2004). *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87032>
- Siqueira, I. (2016). Que a liberdade ensine pessoas. Entrevista com Indianara Siqueira. *Concinnitas*, 1 (28), 411-426.
- Stryker, S. (2017). *Transgender History: the roots of today's revolution*. Berkeley.

